



**Instituto de Psicologia - Departamento de Psicologia Escolar e do
Desenvolvimento - PED**

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PSICOPEDAGOGIA
CLÍNICA E INSTITUCIONAL**

Coordenação: Prof^a. Dra. Maria Helena Fávero

TRABALHO FINAL DE CURSO

**Ambiente de Aprendizagem: Um Processo de Construção em
Cooperação**

Apresentado por: Suzana Maria dos Santos

Orientado por: Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

BRASÍLIA, 2013

Ambiente de Aprendizagem: Um Processo de Construção em Cooperação.

Apresentado por: Suzana Maria dos Santos

Orientado por: Profa. Dra. Lúcia Helena Cavasin Zabotto Pulino

Resumo

Este é o relatório de um estágio de intervenção, realizado em uma turma de escola pública da Região Administrativa de Ceilândia, no Distrito Federal, no contexto do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional, oferecido pelo Departamento de Psicologia Escolar e do Desenvolvimento, do Instituto de Psicologia, da Universidade de Brasília. O trabalho teve por objetivo construir um ambiente de aprendizagem pautado por cooperação e autonomia, visando promover a aprendizagem e o desenvolvimento global dos alunos. O processo de construção dessa intervenção, com sessões de avaliação que serviram de base para a realização de sessões de intervenção psicopedagógica, teve a participação das crianças e, para que este ocorresse de forma significativa, levou-se em conta os seus interesses e contexto de vida, além do currículo. A professora da turma foi entrevistada e participou ativamente da intervenção. Os resultados mostraram o comprometimento dos alunos como co-construtores da organização de uma nova rotina e o estabelecimento de regras de conduta que passaram a sustentar as relações cooperativas e solidárias da turma, e a construção da autonomia de cada aluno.

Palavras-chave: psicopedagogia, ambiente de aprendizagem, participação, cooperação, autonomia

Sumário

I-Colocação do Problema	5
II- Fundamentação Teórica.....	6
III- Método de Intervenção:.....	10
3.1-Instituição	10
3.1-Sujeitos Participantes	10
3.2-Procedimentos de Construção de Informações	11 <u>10</u>
IV- A Intervenção Psicopedagógica: Da Avaliação Psicopedagógica à Discussão de cada Sessão de Intervenção	11 <u>10</u>
4.1-Sessão de Avaliação Psicopedagógica 1 - (25/03/2013)	11 <u>10</u>
-Sessão de avaliação psicopedagógica 2 - (27/03/2013)	12 <u>11</u>
-Sessão de avaliação psicopedagógica 4 - (01/04/2013)	14 <u>12</u>
-Sessão de avaliação psicopedagógica 5 - (03/04/2013)	15 <u>12</u>
4.2. Sessões de intervenção Psicopedagógica	15 <u>13</u>
Proposta de intervenção.....	15 <u>13</u>
-Sessão de intervenção psicopedagógica 1 - (08/04/2013).....	16 <u>13</u>
-Sessão de intervenção psicopedagógica 2 - (10/04/2013).....	18 <u>15</u>
-Sessão de intervenção psicopedagógica 3 - (12/04/2013).....	18 <u>16</u>
-Sessão de intervenção psicopedagógica 4 - (15/04/2013).....	19 <u>16</u>
-Sessão de Intervenção Psicopedagógica 5 - (17/04/2013)	19 <u>17</u>
V- Discussão Geral dos resultados da Intervenção Psicopedagógica:.....	20 <u>17</u>
VI- Considerações Finais:	21 <u>18</u>
VII- Referências Bibliográficas:.....	23 <u>20</u>

I-Colocação do Problema

No processo educativo, considera-se facilitador um ambiente organizado para o processo de aprendizagem, tanto na sala de aula como nos outros espaços da escola. Entretanto, não basta que o ambiente seja construído com base em concepções teóricas do professor, mas é importante que as crianças participem dessa construção, de modo a desenvolverem um sentimento de pertencimento em relação à turma e à sala de aula.

Em uma turma de terceiro ano da Escola Classe 65 de Ceilândia, há queixas que demonstram que a professora (pesquisadora), pais e responsáveis estão preocupados com a participação dos alunos em sala de aula, por estes apresentarem, em alguns casos, dificuldade de cooperarem entre si e de se organizarem. Nas brincadeiras coletivas, por exemplo, quando participam do recreio, se machucam, ora pela correria, ora pela violência (chutes, murros, empurrões...), ora pelos acidentes que se materializam nas quedas, provocando luxações nos braços ou pernas, cortes, etc. As reclamações são constantes também por parte dos próprios alunos.

A professora, em fase de formação em nível de especialização em psicopedagogia, utilizou e aplicou conceitos adquiridos, no sentido de avaliar o processo de ensino/aprendizagem e promover uma mediação com o objetivo de desenvolver uma dinâmica de intervenção voltada para a organização do ambiente escolar dessa turma.

Como consta nos Parâmetros Curriculares Nacionais (1997):

... o cuidado com a qualidade das relações interpessoais na escola é fundamental. Pesquisas psicológicas levam a essa conclusão. E mais ainda: relações de cooperação, de diálogo, levam à autonomia, ou seja, à capacidade de pensar, sem a coerção de alguma “autoridade” inquestionável. Relações de cooperação são relações entre iguais, baseadas e reforçadoras do respeito mútuo, condição necessária ao convívio democrático. A democracia é, portanto, um modo de convivência humana e os alunos devem encontrar na escola a possibilidade de vivenciá-la. Daí a importância de se promoverem experiências de cooperação no seu seio. (p. 63).

Nesta turma, foi observada a falta de atividades onde todos pudessem trabalhar, reconhecendo a importância de uma ajuda mútua na realização de tarefas comuns, o que constitui um fator que contribui para o desenvolvimento, tanto escolar como social das crianças.

A escola é tipicamente é o lugar em que a aprendizagem e a educação em geral ocorrem seguindo a orientação do currículo oficial e o planejamento da escola e do professor. Dessa forma, cada professor em sua sala de aula pode desenvolver atividades com seus alunos de acordo com

suas ideias do que seja educação, criança, escolhendo formas de atuação condizentes com suas concepções. A qualidade da convivência dele com os alunos de desses entre si depende, assim, em grande parte, dos princípios e valores que ele adota como educador.

Assim, reconhecendo a importância e o papel do professor como coordenador de sua turma, não só no que diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem de conteúdos, mas referente ao modo de convivência em sala, e ao desenvolvimento de um ambiente de aprendizagem pautado por relações de respeito mútuo e cooperação, justifica-se a realização de uma intervenção psicopedagógica que possa, de maneira organizativa e participativa, redirecionar, ou até mesmo recriar o cotidiano da sala de aula, levando em consideração a dinâmica apresentada no *locus* da escola, assim como as características individuais e coletivas dos sujeitos envolvidos.

II- Fundamentação Teórica

A aprendizagem e o desenvolvimento psicológico para Vygotsky (1984) são processos interrelacionados. Ele defende a ideia de que não há um desenvolvimento pronto e previsto dentro de nós que vai se atualizando conforme o tempo passa ou ao recebermos influência externa. O desenvolvimento não é pensado como algo natural nem mesmo como produto exclusivo da maturação do organismo, mas como um processo em que estão presentes a maturação do organismo, o contato com a cultura produzida pela humanidade e as relações sociais que permitem a aprendizagem. E, nesse processo, o "outro" se destaca como alguém fundamental, pois este outro é quem nos orienta no processo de apropriação da cultura. Como afirma Bock (1999):

O desenvolvimento do indivíduo e a aprendizagem sempre incluem relações entre as pessoas. A relação do indivíduo com o mundo está sempre mediada pelo outro. Não há como aprender e apreender o mundo se não tivermos o outro, aquele que nos fornece os significados que permitem pensar o mundo à nossa volta (p.124).

Para Vygotsky (1984), o desenvolvimento é um processo que se dá de fora para dentro. É no processo de ensino-aprendizagem que ocorre a apropriação da cultura e o consequente desenvolvimento do indivíduo. Compreende que o desenvolvimento de um indivíduo apresenta, em cada atividade, um Nível de Desenvolvimento Real (NDR) e num Nível de Desenvolvimento Potencial (NDP). O NDR nos mostra o que o indivíduo já consegue realizar por si só e o NDP, aquilo que ele pode realizar, desde que auxiliado por uma pessoa mais experiente. A partir dessa concepção de desenvolvimento, construiu o conceito de Zona de Desenvolvimento Proximal (ZDP), referindo-se às potencialidades da criança que podem ser desenvolvidas a partir do ensino sistemático. A Zona de Desenvolvimento Proximal é conceituada por ele como a distância entre o Nível de Desenvolvimento Real, que se costuma determinar através da solução independente de

problemas pela criança, e o Nível de Desenvolvimento Potencial, determinado pela solução de problemas sob a orientação de um adulto ou em colaboração com companheiros.

Este conceito é importante porque nos possibilita delinear o futuro imediato da criança e seu estado dinâmico de desenvolvimento. Além disso, permite ao professor olhar seu educando de outra perspectiva, bem como o trabalho conjunto entre colegas. Aliás, Vygotsky (1984), acreditava que a noção de Zona de Desenvolvimento Proximal já estava presente no bom senso do professor, quando este planejava seu trabalho. Conhecendo as realizações atuais de cada aluno, o professor proporciona que ele se exercite na ZDP, com atividades que o preparem para, com a ajuda do outro, realize seu desenvolvimento potencial. É nesta zona que se deve ocorrer o trabalho da escola.

Desde seu nascimento, o indivíduo inicia um processo de desenvolvimento de todas as suas potencialidades, inicialmente na família e, mais tarde, na escola.

No seu desenvolvimento, o sujeito passa por diferentes fases e na escola o processo tem uma formalidade maior, implica na aprendizagem do conhecimento científico e artístico e no processo de socialização das crianças, orientadas pelos valores sociais vigentes. Isto vem colocar o papel da escola como instituição que pode proporcionar isto.

Isso vem ao encontro do que Pulino (2005) afirma:

A escola é o lugar do encontro entre pessoas que entram em contato com o conhecimento construído historicamente e assumido pela comunidade científica, em que professores e estudantes, guiados por interesses, além de pessoais, culturais e políticos, e por diretrizes governamentais, exploram os conteúdos construídos, contextualizam-nos, decifram seu significado, dão-lhe sentido – grupal e pessoal - e o reconstruem. (pp.45e 46)

Sacristan (2000, p.250), em seus estudos, vem a afirmar que professores se preocupam com a aprendizagem dos alunos, mas esta só ocorrerá na medida em que os alunos estejam interessados e implicados nas atividades que lhes são propostas pelo professor ou negociadas conjuntamente. As atividades constituem, pois, oportunidade para aprender, sendo, por conseguinte, o cerne tanto da planificação como da ação.

A aprendizagem na escola requer a organização de um ambiente propício para a investigação e a construção de conhecimentos. Este deve ser um ambiente que facilite a criação de Zonas de Desenvolvimento Proximal. O planejamento desse ambiente depende do momento de desenvolvimento dos alunos, de modo que o professor deve estar sensível a isso, oferecendo estratégias e usando uma linguagem que facilite a aprendizagem.

Um ambiente fértil para a aprendizagem proporciona que a criança se desenvolva globalmente, tanto cognitiva como social, afetiva e moralmente.

Nos anos iniciais do Ensino Fundamental, as crianças, na concepção piagetiana, conforme nos mostra Pulino (2004):

apresentam, gradativamente, a capacidade de concentração para a realização de trabalhos individuais e, também, podem trabalhar em cooperação com os colegas, já que reconhecem que as outras pessoas podem pensar diferentemente dela. Já conseguem justificar e defender suas ideias, envolvem-se em discussões e argumentam o que pensam, mostrando que já constroem mentalmente uma lógica, ainda apoiada na concretude dos objetos.

Compreendendo essas características do desenvolvimento da criança, Piaget estuda o desenvolvimento moral da criança, que ocorre em consonância com o cognitivo e o sócio-afetivo. Quando pequena, a criança se mostra heterônoma (isto é, ainda se apoia nas regras e valores morais do outro), e, na medida em que interage no ambiente social com adultos e outras crianças, ela pode se direcionar para um processo de desenvolvimento de autonomia pessoal. Isso se torna possível desde que o adulto proporcione a ela um ambiente em que possa ir assumindo um papel cada vez mais ativo nas decisões e ações relacionadas à construção de regras que orientem o comportamento na família e em sala de aula.

La Taille (1992) reforça que as relações de cooperação são aquelas que possibilitam o desenvolvimento da autonomia:

Como o seu nome indica, a cooperação pressupõe a coordenação das operações de dois ou mais sujeitos. Agora, não há mais assimetria, imposição, repetição, crença, etc. Há discussão, troca de ponto de vista, controle mútuo dos argumentos e das provas. Vê-se que a cooperação é o tipo de relação interindividual que representa o mais alto nível de socialização. E é também o tipo de relação interindividual que promove o desenvolvimento. (p.20)

A intervenção do professor é decisiva para o desenvolvimento social de seus alunos e para construção de um ambiente cooperativo na sala de aula. Se o construtivismo concebe a aprendizagem a partir da interação entre o sujeito e o meio, então esse meio, que pode ser o professor e o ambiente escolar, são determinantes no processo de aprendizagem do aluno. Sobre a atuação do professor, Bonals (2003) p.70 define: “O professor responsável por alunos e alunas que trabalham em grupos cooperativos pode intervir com eficácia para potencializar conhecimentos, habilidades, atitudes, valores e normas em favor da ajuda mútua e, nesta, também em prol da proteção”.

É importante que a educação não fique restrita aos padrões formais, mas sim que o professor leve em consideração que cada criança possui uma história de vida, traz uma bagagem de experiências, fantasias e desejos que, ao serem valorizados, podem se tornar elementos auxiliares no

desenvolvimento e formação das crianças, vindo a colaborar com o processo de ensino-aprendizagem e desenvolvimento físico, moral e intelectual da criança. O professor deve incentivar o trabalho cooperativo entre as crianças e oferecer oportunidades de aprendizagem das diversas habilidades.

A média de idade dos alunos das crianças dessa classe é dos sete aos onze anos de idade, e na concepção piagetiana este é o período das operações concretas e nele o desenvolvimento mental, caracterizado no período, a capacidade da criança de estabelecer relações que permitam a coordenação de pontos de vista diferentes. Estes pontos de vista podem referir-se a pessoas diferentes ou à própria criança, que "vê" um objeto ou situação com aspectos diferentes e, mesmo, conflitantes. Ela consegue coordenar estes pontos de vista e integrá-los de modo lógico e coerente. No plano afetivo, isto significa que ela será capaz de cooperar com os outros, de trabalhar em grupo e, ao mesmo tempo, de ter autonomia pessoal. O que possibilitará isto, no plano intelectual, é o surgimento considerava bastante as opiniões e ideias dos adultos, no final passa a "enfrentá-los".

A cooperação é uma capacidade que se vai desenvolvendo ao longo deste período e será um facilitador do trabalho em grupo, que se torna cada vez mais absorvente para a criança. Elas passam a elaborar formas próprias de organização grupal, em que as regras e normas são concebidas como válidas e verdadeiras, desde que todos as adotem e sejam a expressão de uma vontade de todos. Portanto, novas regras podem surgir, a partir da necessidade e de um "contrato" entre as crianças. (Bock 1999, pp.104-105)

Assim, o trabalho em sala de aula feito em cooperação, pode promover o desenvolvimento cognitivo e afetivo-social da criança, tornando-a mais participativa e responsável pelo desenvolvimento próprio e de todo o grupo, o que promove seu desenvolvimento moral, em direção à autonomia.

Conforme afirma Pedroza (2003), o diálogo deve orientar as relações em sala de aula:

Sendo assim, podemos afirmar que não basta à criança possuir uma inteligência e uma saúde física satisfatórias para se desenvolver e se afirmar na aprendizagem escolar. É necessário também que tenha uma educação afetiva que lhe permita desenvolver uma sensibilidade relacional com os outros, podendo se servir de suas capacidades físicas e intelectuais. A escola é um meio de grande importância para o desenvolvimento das relações afetivas da criança com os adultos, assim como também com as outras crianças da mesma idade. É também na escola que a criança deve aprender a se relacionar com o outro em diálogo permanente, se constituindo em trocas com todos aqueles à sua volta.

Em geral, a comunicação em sala de aula tem sido caracterizada por ser autoritária, unilateral, sem a existência do diálogo. No entanto, a comunicação e o diálogo são a base da educação orientada para o desenvolvimento pleno da pessoa. É essencial, portanto, desenvolver uma comunicação por meio do diálogo sobre temas de interesse dos alunos e sobre suas aspirações. É importante que seja um diálogo que envolva o respeito e a capacidade de ouvir os alunos.

A ideia é que a convivência na sala de aula se dê não como um momento de transmissão de conteúdos, ou de uma maneira de agir, a ser aplicável em outro momento, na vida do aluno, mas como uma maneira efetiva de ser, de conviver, de construir conhecimento, de assumir posturas e de fazer escolhas, pois, afinal, a escola é um lugar para se viver.

A autonomia refere-se à capacidade de posicionar-se, elaborar projetos pessoais e participar enunciativa e cooperativamente de projetos coletivos, ter discernimento, organizar-se em função de metas eleitas, governar-se, participar da gestão de ações coletivas, estabelecer critérios e eleger princípios éticos, etc. Isto é, a autonomia fala de uma relação emancipada, íntegra com as diferentes dimensões da vida, o que envolve aspectos intelectuais, morais, afetivos e sociopolíticos. Ainda que na escola se destaque a autonomia na relação com o conhecimento - saber o que se quer saber, como fazer para buscar informações e possibilidades de desenvolvimento de tal conhecimento, manter uma postura crítica comparando diferentes visões e reservando para si o direito de conclusão, por exemplo —, ela não ocorre sem o desenvolvimento da autonomia moral (capacidade ética) e emocional que envolve autorrespeito, respeito mútuo, segurança, sensibilidade, etc.

III- Método de Intervenção:

3.1-Instituição

A intervenção foi realizada em uma turma do 3º ano do Ensino Fundamental de uma escola pública de Ceilândia, Região Administrativa do Distrito Federal.

Quanto às instalações físicas, a Escola apresenta-se organizada, com ambientes específicos de aprendizagem variados, mas muito desses estão inativos ou utilizados para outros fins. O quadro de profissionais que atuam na escola está completo além de contar com Serviço de Orientação Educacional e Equipe de Apoio Especializado à Aprendizagem.

3.1-Sujeitos Participantes

Participaram do processo de intervenção a professora regente (pesquisadora), os dezesseis alunos da turma, sendo seis meninas e dez meninos. Desses alunos, dez cursaram o mesmo ano anteriormente, dois são diagnosticados como Deficientes Intelectuais e um tem Transtorno de Déficit de Atenção e Hiperatividade. Os alunos em sua maioria apresentam dificuldades de aprendizagem e de relacionamento interpessoal com os colegas de classe e das outras salas.

3.2-Procedimentos adotados: Descrição geral

A fim de promover um trabalho que propiciará aos alunos intervenções psicopedagógicas, é necessário que ocorram anteriormente as sessões de avaliação psicopedagógica, pois o procedimento adotado interfere no processo, com o objetivo de compreendê-lo, explicitá-lo ou corrigi-lo. Uma forma de introduzir novos elementos para o sujeito pensar poderá levar à quebra de um padrão anterior de relacionamento com o mundo das pessoas e suas ideias.

Foram realizados procedimentos de avaliação psicopedagógica, que constaram de: análise do Projeto Político-Pedagógico, observação e entrevista com a professora. O resultado desses procedimentos foram os indicadores para se construírem as sessões de intervenção que se seguiram.

IV- A Intervenção Psicopedagógica: Da Avaliação Psicopedagógica à Discussão de cada Sessão de Intervenção

4.1- Avaliação Psicopedagógica

-Sessão de Avaliação Psicopedagógica 1 - (25/03/2013)

- **Objetivo:**

Conhecer os princípios filosóficos e pedagógicos da escola e a sua proposta de educação

- **Procedimentos e material utilizado:**

Pesquisa documental relativa à instituição escolar. Com autorização da escola, analisamos o Projeto Político Pedagógico dela, construído para nortear o trabalho dos docentes no período 2012/2013 e coleta de dados.

- **Resultados obtidos e discussão:**

Ao analisar o documento, verificou-se que este foi construído segundo orientações da Secretaria de Estado e Educação é bem estruturado, contém os objetivos da instituição educacional, porém o histórico/contexto da Instituição de Ensino (Anexo 1) vem arraigado de termos depreciativos preestabelecidos à comunidade escolar.

Principais aspectos abordados no PPP:

A comunidade local é carente, com poucos recursos financeiros, demonstrando falta de acesso à cultura, lazer, esportes e tecnologia. (...)

A maioria das famílias são desestruturadas. Há um índice de divórcio grande, tendo como consequência, o convívio de alunos com avós, madrastas, padrastos e terceiros. Existem também na região, casos de violência doméstica, uso de drogas, marginalidade, responsáveis que estão detidos, homicídios, furtos e roubos, inclusive até pedofilia, enfim, as crianças

convivem diariamente com a vulnerabilidade social. Os pais trabalham fora e os alunos convivem com terceiros, ou ficam sozinhos em casa, geralmente cuidando de irmãos menores. (...)

A falta de limites é perceptível. A maioria dos alunos não obedece às regras de convivência, envolvendo-se em conflitos interpessoais, xingamentos e até mesmo agressão física, verbal e psicológica. A falta de respeito e de valores são fatores que geram tais conflitos, conseqüentemente a indisciplina e a violência.

Além de todos esses problemas, as famílias são omissas quanto ao acompanhamento da Educação dos filhos, o que gera de certa forma uma acomodação por parte dos alunos, que apresentam indisciplina no ambiente escolar, falta de motivação, baixa estima, falta de interesse quanto às atividades propostas e dificuldades de aprendizagem. A responsabilidade de “Educar” foi imposta à escola pelas próprias famílias.

Outro problema que vale ser lembrado é a falta de higiene pessoal, que causam muitas doenças, e conseqüentemente as faltas. Vale ressaltar que há um índice elevado de reprovação por faltas e evasão escolar. Existem também problemas quanto à infraestrutura da região, pois, o asfalto não é adequado, as ruas são estreitas, com muitos buracos, não há instalação de rede de esgoto, e quando chove, a enxurrada invade a escola, gerando grandes transtornos para as atividades e locomoção de alunos, pais e funcionários. O estacionamento fica inundado, pois, como a escola encontra-se baixa com relação às casas, a lama escoada toda para este espaço.

Portanto, no texto do PPP só se observam aspectos diagnósticos da situação da comunidade escolar - as características e problemas das famílias, que têm conseqüências no comportamento e desempenho das crianças - mas não está colocado aí um ‘projeto’, que aponte para a perspectiva de ações por parte da escola, no sentido de superar as dificuldades.

São mencionados aspectos relacionados aos conflitos interpessoais, falta de limites e de respeito a regras de convivência, e a indisciplina e a violência.

Esses resultados indicam a necessidade de se conhecer melhor a dinâmica da sala de aula, a fim de se pensar possibilidades de mudança no ambiente, tornando-o propício ao convívio e à aprendizagem.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 2 - (27/03/2013)

- **Objetivo:**

Conhecer a dinâmica de sala de aula, atentando para as interações entre alunos, a professora e as atividades sugeridas.

- **Procedimento e material utilizado:**

Observação do momento da aula e da interação dos alunos.

- **Resultados obtidos e discussão:**

A professora (pesquisadora) observou o comportamento de seus alunos desde o momento em que estes entraram em sala de aula até o momento de saída. Observada a dinâmica em sala de aula, os momentos foram registrados em diário de bordo. A turma teve seu dia letivo sem grandes variações apresentando o comportamento cotidiano.

Num primeiro momento realizamos a oração no pátio. Tivemos nossa roda de conversa, e foi realizada a leitura de um livro: Dona Fofoca, de Regina Rennó, os alunos fizeram comentários livremente e pontuaram os objetivos da roda de leitura. Observamos e marcamos a data no calendário. Houve uma apresentação de palhaços no pátio da escola. As crianças foram para a quadra e fizemos a brincadeira de roda “corre-cotia”, depois passei as instruções de como deveriam proceder ao brincar livremente, seguindo as regras de convivência já estabelecidas em sala de aula. Em seguida foram ao banheiro, lavaram as mãos e voltaram para a correção da atividade de casa. Já em horário do lanche, o ajudante organizou os alunos em fileiras e com o monitoramento da professora, auxiliando seus colegas e a professora. Ao entrarem para a sala, houve um atrito pois um colega pegou o lanche do outro; este atrito foi resolvido com diálogo e logo o sinal para o intervalo tocou. Terminado este período, percebeu-se que três alunos estavam atrasados e tive uma conversa com todos sobre compromisso e fomos reformular novas regras para um bom convívio em sala de aula. Depois tivemos aula de Geografia e entreguei uma atividade para casa. (Registro da observação, em 27/03/2013)

Por este registro, podem-se salientar aspectos da organização das carteiras na sala, do papel do ajudante, da mediação da professora em situação de conflitos, o que é importante para orientar as sessões de reconstrução do ambiente de aprendizagem e convívio.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 3 - (29/03/2013)

- **Objetivo:**

Leitura e análise do Diagnóstico descritivo geral da turma, feito a partir das primeiras impressões da professora (pesquisadora).

- **Procedimento e material utilizado:**

Na secretaria da escola, acessou-se a pasta com autorização da secretária escolar e analisou-se o documento (Diagnóstico Inicial da Turma) formulado no início do primeiro bimestre.

- **Resultados obtidos e discussão:**

Por meio da leitura deste diagnóstico foram acessadas as primeiras observações realizadas pela professora são feitas a fim de orientar o trabalho dela de um modo geral. Ao verificar o documento, foram percebidas algumas mudanças já ocorridas na turma, mas ficou claro que o trabalho de socialização é o objetivo primordial previsto para a turma.

No documento elaborado no início do ano letivo, alguns pontos já eram levantados como um problema que devia ser solucionado, como este levantado pela professora:

A socialização e interação entre as crianças ocorrem de forma pouco amistosa, sendo que projetos de valores e atitudes, leitura, reforço, reagrupamento intraclasse e extraclasse, serão desenvolvidos para que os alunos criem novas possibilidades de aprendizagem e de formação/reformulação de atitudes.(fevereiro/2013)

Algumas mudanças na convivência entre os alunos ocorreram, mas projetos devem continuar a fazer parte do cotidiano escolar dessas crianças para que a reformulação de conceitos e atitudes continue.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 4 - (01/04/2013)

- **Objetivo:**

Observar como se desenvolve o recreio e como os alunos se portam.

- **Procedimento e material utilizado:**

A dinâmica do recreio foi observada. Foi anotado em diário de bordo o comportamento das crianças de um modo geral e conseguiu-se acompanhar alguns momentos dos alunos da turma objeto da pesquisa.

- **Resultados obtidos e discussão:**

Neste horário, foi observado que a maioria dos alunos fica muito agitada, gritam e brincam sem orientação alguma; geralmente as brincadeiras geram atritos físicos. No dia, alguns alunos foram diretamente na professora (pesquisadora) reclamarem de algumas brincadeiras e ficou combinado que logo depois do recreio estes seriam mediados, pois aquele momento era de observação. Depois do recreio, a professora continuou ouvindo os alunos.

Pode-se perceber que as crianças necessitam, e até pedem, que os educadores interfiram no recreio, organizando-o. Considerou-se importante conhecer o recreio, no sentido de acompanhar toda a rotina dos alunos e, eventualmente, orientá-los quanto a atividades no recreio.

-Sessão de avaliação psicopedagógica 5 - (03/04/2013)

- **Objetivo:**

Realizar entrevista semi-estruturada com a coordenadora.

- Procedimento e material utilizado:

A entrevista foi realizada na sala de coordenação, gravada e transcrita (Anexo 3)

- **Resultados obtidos e discussão:**

Com as respostas obtidas, pode-se observar que a orientadora tem experiência com alfabetização, mas o ano corrente é o primeiro dela como coordenadora. Ela mesma admite que o seu papel por muitas vezes não é bem definido e se ocupa com funções que não são suas. Na resposta obtida de qual o papel da escola na vida da criança, a resposta obtida foi: “Acho que ela proporciona meios para que a criança possa se interar com um mundo novo, se socializar, desenvolver sua independência, o letramento do mundo... Ser mais autônoma”.

Isto vem ao encontro do que Pulino (2005) afirma, sobre o trabalho e o papel da escola, que além de ser regido por diretrizes governamentais, devem contar com os interesses pessoais, culturais e políticos dos educadores, que exploram os conteúdos construídos, os contextualizam e os reconstróem para o indivíduo ou para um grupo. O professor tem uma função essencial na escola – a de organizador e mediador das relações.

O aprendizado dos alunos a professora percebe de forma ampla, com finalidade não só dos conteúdos, mas de socialização e interação. Menciona aspectos éticos da educação escolar, o que se relaciona ao tema da pesquisa-intervenção em questão.

4.2. Intervenção Psicopedagógica

Proposta de intervenção

A partir das informações obtidas pelas análises documentais, a observação e a entrevista, esquematizou-se uma proposta de intervenção voltada para as estruturas de mediação para a construção de um ambiente de aprendizagem a partir de um processo cooperativo entre os sujeitos participantes.

Considerou-se a importância de a professora, como mediadora, propor-se a planejar seus momentos de aula, visando os processos que foram adquiridos pelos alunos e promover novas situações que, por meio de atividades diferenciadas, elaboração de rotinas e combinados, discussões e reflexões, possam direcionar os alunos na transformação e ressignificação de seu aprendizado diário. A proposta se apoia na participação ativa dos alunos, que juntamente com a professora, contruíram um ambiente de aprendizagem voltado para as necessidades e preferências da turma.

Intervenções propostas:

-Sessão de intervenção psicopedagógica 1 - (08/04/2013)

- **Objetivo:**

Desenvolver um processo de intervenção voltado para a organização do ambiente escolar da turma.

- **Procedimentos e material utilizado:**

Depois do momento de oração no pátio da escola, as crianças entraram na sala e viram que os livros didáticos delas estavam desorganizados, em cima de um armário. A professora, então, pediu que elas a ajudassem a organizá-los no local apropriado. Alguns alunos se prontificaram, outros continuaram sentados ou brincando. Depois da organização, a professora solicitou que fizessem a roda de conversa, remetendo-as ao que ocorrera um pouco antes. No caso, eles já começaram a falar sobre quem ajudou e quem não se prontificou a fazê-lo. Assim começamos nossa roda de conversa.

Falamos sobre a importância da cooperação em qualquer ambiente, de como eles ajudam em casa e foi proposto que, com o auxílio da professora (pesquisadora), fosse construída a figura de uma árvore com a cooperação de todos. Em papel verde, cada um cortou a silhueta de suas mãos (a folhagem) e foram colocando acima de um tronco que foi feito pela professora. Após a construção da árvore, retomamos nossa conversa e os alunos reconheceram que a árvore feita por todos foi mais fácil de ser construída, depois eles fizeram os frutos que esta árvore dava e em cada um escreverem valores que a turma reconhecia que tinha. Como afirma Xypas (1998): “A personalidade se constrói, ultrapassando o “eu”, graças a um tipo particular de relações sociais a base do respeito mútuo: a “cooperação” moral e intelectual se considerando iguais de direito”.

Ao final da intervenção foi registrado este momento com uma fotografia:



- **Resultados obtidos e discussão:**

Os alunos mostraram-se interessados ao recortarem o formato da mão, mas não conseguiam assimilar como se daria a construção desta árvore. Quando a professora colocou a identificação da turma no desenho de um tronco e fixou na parede, eles começaram a entender que a folhagem seria a junção das figuras de suas mãos. Cada aluno levou um par de figuras e foram colando-as aleatoriamente até formarem a copa de uma árvore. As crianças mostraram-se entusiasmadas com o que construíram coletivamente e a professora fez analogias das partes da árvore com os valores que poderiam ser trabalhados no cotidiano.

Importante observar, como afirma Pedroza, 2005:

Em geral, a comunicação em sala de aula tem sido caracterizada por ser autoritária, unilateral, sem a existência do diálogo. No entanto, a comunicação e o diálogo são a base da educação orientada para o desenvolvimento pleno da pessoa. É essencial, portanto desenvolver uma comunicação por meio do diálogo sobre temas de interesse dos alunos e suas aspirações. É importante que seja um diálogo sobre temas de interesse dos alunos e de suas aspirações. É importante que seja um diálogo que envolva o respeito e a capacidade de ouvir os alunos (p.75).

-Sessão de intervenção psicopedagógica 2 - (10/04/2013)

- **Objetivo:**

Modificar o espaço físico da sala de aula.

- **Procedimentos e material utilizado:**

Num primeiro momento, foi mostrada e fixada no mural da sala a foto que retirei no encontro anterior para que se fortalecesse o sentimento de cooperação proposto.

No momento da roda de conversa, foi questionado aos alunos qual seria a disposição das carteiras e cadeiras onde eles interagem melhor com os colegas e a professora, além de uma facilidade maior pra observarem as atividades contidas no quadro branco.

Uma folha de papel foi dada para cada aluno desenhar a disposição que mais lhe agradava e que evitaria conversas paralelas. Dos quatorze alunos presentes a maioria (nove) desenhou uma disposição onde a interação com os colegas seria mais interessante, segundo eles. Depois, eles teriam que deixar a disposição das carteiras da mesma forma que encontraram ao entrar (orientados pelo ajudante do dia). Organizamos, então, as carteiras num formato de retângulo aberto.

- **Resultados Obtidos e Discussão:**

Os alunos apreciaram a foto e fizeram um cartaz para a fixarem, que posteriormente foi colocado no mural. Depois, já na roda de conversa, a professora, quando propôs que eles desenhasssem a disposição das carteiras e cadeiras, analisou cada desenho e fizeram uma votação para saber a mais cotada das disposições. Os alunos gostaram da mudança. Ficou combinado que seria uma semana de teste. Alguns alunos não gostaram da proposta, pois ficariam prejudicados por algum quesito, mas a maioria aceitou bem a intervenção.

A mudança no arranjo das carteiras foi fácil de ser feita e talvez tenha sido o mais importante em sala de aula, pois os alunos vão poder se relacionar mais diretamente, já que todos ficarão no mesmo plano e a professora terá uma visão panorâmica da turma o tempo todo.

-Sessão de intervenção psicopedagógica 3 - (12/04/2013)

- **Objetivo:**

Construir uma nova rotina para a turma, que contemple todos os objetivos de um dia letivo.

- **Procedimentos e material utilizado:**

A professora, no momento da roda de conversa, trouxe alguns papéis coloridos e os afixou na parede. Posteriormente, conversou-se sobre qual era a rotina que tínhamos já planejada e quais as alterações que poderiam ser feitas. A rotina teria que contemplar todas as atividades preestabelecidas no Quadro de Horário (Anexo 6) devido ao funcionamento geral da escola. Cada aluno deu sua opinião e tivemos que chegar a um consenso.

- **Resultados obtidos e discussão:**

As novas propostas foram realizadas e algumas depois de explicadas foram descartadas devido a questões de funcionalidade. Outras foram bem aceitas e colocadas na nova rotina como, por exemplo, horário semanal para brincar em sala. Este momento foi bem aceito por todos por se tratar de um tempo de diversão e de interação entre colegas de classe.

-Sessão de intervenção psicopedagógica 4 - (15/04/2013)

- **Objetivo:**

Observar o comportamento dos alunos no momento do intervalo:

- **Procedimentos e material utilizado:**

No momento do recreio os alunos saíram da sala de aula agitados e a professora procurou observar o comportamento destes no intervalo. Como a escola é grande, nem todos os alunos foram observados, mas de um modo geral, por não terem este momento dirigido, brincam sem regras, gritam, chutam; foi observado que alguns dos alunos que apresentam um bom comportamento em sala mudam surpreendentemente sua postura em relação à sala de aula.

- **Resultados Obtidos e Discussões:**

Com a observação do intervalo, pode-se inferir que os alunos quando brincam, não utilizam muitas regras de convivência e este momento torna-se um espaço para atividades sem fins de aprendizagem ou de entretenimento. O brincar é uma maneira que permite à criança vivenciar o lúdico, apreender a realidade, descobrir a si mesma, tornar-se capaz de desenvolver seu potencial criativo, uma forma de expressão, pensamento, interação e comunicação entre as crianças.

-Sessão de Intervenção Psicopedagógica 5 - (17/04/2013)

- **Objetivo:**

Distribuir os conteúdos e as atividades a serem trabalhadas.

- **Procedimentos e Material Utilizado:**

A professora trabalhou com uma produção de texto coletiva onde era apresentada a ilustração de um cartaz. Houve uma conversa sobre do que se trataria a ilustração e posteriormente eles desenhariam suas versões. Foi proposto então a elaboração de um texto onde cada um ficaria responsável pela elaboração da ideia de uma linha e que, ao final, o texto teria dezesseis linhas, ou seja, cada aluno seria responsável por uma parte do texto. Assim, a professora foi transcrevendo e propositalmente colocando alguns erros ortográficos para que eles monitorassem e interviessem quando achassem necessário.

- **Resultados Obtidos e Discussão:**

Mesmo com os alunos mostrando resistência em realizar uma produção de texto, ao perceberem que ela seria realizada de uma forma diferente, o desenvolvimento da produção textual ficou mais interessante, pois cada aluno queria saber qual ideia o outro acrescentaria no enredo. Assim, eles se interagiam mais da história, tentavam ajudar outros colegas com ideias, e se mostraram atentos aos erros cometidos quanto à ortografia e ajudavam a professora a corrigi-los.

Isso vem ao encontro do que De La Taille (1992) vem confirmar a respeito da cooperação entendida como um tipo de relação interindividual que representa o mais alto nível de socialização.

V- Discussão Geral dos resultados da Intervenção Psicopedagógica:

Nesse espaço de mediação proposto pelas sessões de intervenção, os momentos cooperativos desempenharam um importante papel no processo de interação entre os alunos. Isso é importante e necessário no desenvolvimento intelectual dos sujeitos, no aspecto emocional e na formação de uma consciência social, crítica, democrática. As atividades desenvolvidas foram orientadas, planejadas e contaram com espaço e tempo para sua práxis na escola, pois momentos cooperativos podem reforçar o desenvolvimento e formação do aluno.

As atividades escolhidas, orientadas ou propostas aos alunos e praticadas por eles no âmbito escolar garantiram um ambiente livre, alegre e prazeroso, para que os alunos pudessem se encontrar, aprender, brincar, descansar, contar, conversar, descobrir e conviver. Eles tiveram oportunidades interessantes, variadas, desafiadoras, integrando-se, e, estabelecendo relações e troca de vivências; as crianças puderam se tornar mais cooperativas quando foram estimuladas e acreditam estar interagindo com confiança mútua.

Durante toda a dinâmica do trabalho em sala de aula, pode-se constatar o processo de desenvolvimento e aprendizagem dos alunos, mediados pela professora (pesquisadora), que, considerando as sessões de avaliação psicopedagógica, conheceu o Nível de Desenvolvimento Real da turma e de cada aluno, e abriu Zonas de Desenvolvimento Proximal, propondo conversas e situações que levaram as crianças a tomarem posição, no sentido de assumirem seu lugar como partícipes da turma e, portanto, responsáveis pela sua organização. Isso transforma seu NDP em real, num movimento que tem a participação de todos, cada um com sua singularidade.

Todas e cada uma das crianças participando da detecção dos problemas e da construção de soluções, sentem-se responsáveis pelo processo de aprendizagem, pelo cumprimento das regras que elas mesmas ajudaram a construir, o que possibilita que cada uma se torne autônoma, tanto em relação a suas próprias ações como na participação do processo de aprendizagem

A psicopedagogia dessa forma pode atuar por meio da transformação desse espaço em um lugar de construção de conhecimento com um olhar diferenciado do psicopedagogo, o que propiciou aos sujeitos e aos grupos o desenvolvimento de novas experiências, troca de vivências, incorporação de informações, modificação nas atitudes e valores, bem como melhorias na dinâmica e metodologia da organização com novos instrumentos e referenciais conceituais.

Como afirmam Bassedas e Cols (1996):

Da visão construtivista, podemos inferir que as crianças sempre têm a possibilidade de avançar e aprender. A questão reside em encontrar a forma adequada de ajudá-las e ensiná-las, partindo dos seus conhecimentos, oferecendo-lhes, mais ou menos, ajuda, dependendo das suas necessidades. A aproximação sistêmica tem uma profunda confiança e respeito pela diversidade das pessoas e famílias; a sua intervenção tem por finalidade ajudar a avançar e melhorar o futuro, mais do que buscar as causas e origens dos problemas do presente. Em resumo, as duas linhas teóricas, o construtivismo e a teoria sistêmica, têm uma grande confiança nas possibilidades de mudança das pessoas e das situações, nas relações e também na mudança e na melhoria dos conhecimentos e capacidades dos indivíduos (p.23).

VI- Considerações Finais:

A Elaboração deste relatório para meu processo de formação em fase final como educadora e psicopedagoga, proporcionou-me reflexões sobre a construção de um ambiente de aprendizagem pautado por cooperação e autonomia, visando promover a aprendizagem e o desenvolvimento global dos alunos. O processo de construção teve a participação das crianças, levou-se em conta seus interesses e contexto de vida, além do currículo. Os resultados mostraram o comprometimento dos alunos, uma nova rotina e regras de conduta que passaram a sustentar as relações cooperativas e

solidárias da turma, e a construção das condições para o desenvolvimento da autonomia de cada aluno.

Ao construir estratégias de intervenção, visando promover a aprendizagem e o desenvolvimento global desses alunos, nesse processo de pesquisa pode-se observar que, embora contra nosso desejo consciente, nós, educadores, produzimos no ambiente escolar comportamentos que necessitam e precisam ser alterados, para que de fato a escola cumpra sua missão de formar cidadãos capazes de atuar na sociedade com competência e responsabilidade.

Com a leitura de teóricos que pesquisaram o processo de desenvolvimento da aprendizagem, bem como os que buscam explicar as relações que se estabelecem dentro da escola, compreendi a necessidade de se estabelecer um vínculo, uma ponte, entre as relações de convivência estabelecidas pelos alunos e a postura do educador em sala de aula.

O estágio, por ocorrer em parte em meu ambiente de trabalho, possibilitou uma diversidade de reflexões sobre minha atividade profissional, por meio das mediações que realizei e que continuarei a realizar. É certo que um período maior de investigação, uma diversidade maior de instrumentos e um processo de mediação com mais possibilidades de intervenção, enriqueceriam toda a pesquisa, de qualquer maneira, considero que a conclusão do curso, o estágio, as mediações, despertam a necessidade de continuar estudando, seja com leitura individual, numa instituição de ensino, com o objetivo de tornar minha atuação como educadora ainda mais sintonizada com as necessidades dos meus alunos.

Na condição de psicopedagogo, o estágio veio para ampliar meus conhecimentos e construir habilidades para que eu possa promover mediações junto aos professores que, por muitas vezes não conseguem se incluir como parte integrante do sucesso ou do fracasso dos alunos. Este profissional deve ter clareza no papel de mediação que deve ter no processo de construção do conhecimento.

A elaboração da pesquisa sobre a temática é importante não só em situação de sala de aula, mas no trabalho do psicopedagogo desenvolvido em um consultório.

VII- Referências Bibliográficas

- Barbato, S. Cultura, desenvolvimento humano e aprendizagem. Em L.H.C.Z. Pulino & S.Barbato (orgs.) *Fundamentos de Desenvolvimento e Aprendizagem*. Vol. 2, Brasília: CEAD/UnB.
- Bock, A. M.(org.) (1999). *Psicologias: uma introdução ao estudo de Psicologia*. 13ª ed. São Paulo, Saraiva.
- Bonals, J. (2003). *O Trabalho em Pequenos Grupos na Sala de Aula*. Porto Alegre:Artmed.
- Brasil. Ministério da Educação e do Desporto (1997). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Secretaria de Educação Fundamental. Ensino de primeira à quarta série. Ética, Brasília.
- Bassedas, E. & Cols (1996). *Intervenção Educativa e Diagnóstico Psicopedagógico*, Porto Alegre: Artmed.
- La Taille, Y.; Oliveira, M.K.; Dantas, H. (1992) *Piaget, Vygotsky e Wallon: Teorias psicogenéticas em discussão*. Desenvolvimento do juízo moral e afetividade na teoria de Jean Piaget. São Paulo: Summus.
- Pedroza, R. L. S. (1993). *Freud e Wallon: contribuições da psicanálise e da psicologia para a educação*. Dissertação de Mestrado. Brasília, Universidade de Brasília.
- Pedroza, R.L.S. (2003) *A Psicologia na formação do professor: uma pesquisa sobre o desenvolvimento pessoal de professores do ensino fundamental*. Tese de doutorado, Universidade de Brasília, Brasília-DF.
- Pulino, L. H. C. Z. (2005). *Aprendizagem e a prática do professor*. Brasília, UnB.
- Sacristan, J. G.(2000). *O Currículo: Uma Reflexão Sobre a Prática*. 3ª ed. Porto Alegre: Artmed.
- Xypas, C (1998). *La socialisation dans la problématique éducative de Piaget*.(Tradução M.H.Fávero) Bulletin de Psychologie. Présences de Jean Piaget.
- Vygotsky, L.S.(1984). *A formação social da mente*. São Paulo. Martins Fontes.

Anexos



ANEXO 1

*Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia
Escola Classe 65 de Ceilândia*

**ESTRUTURA FÍSICA DA INSTITUIÇÃO:**

Quanto às instalações físicas, a Escola possui:

- Uma Sala de Leitura (sem recurso humano específico para atender);
- Um Laboratório de Informática (sem recurso humano específico para atender);
- Banheiros (feminino e masculino) para alunos;
- Vinte e cinco salas de aulas;
- Uma Sala da Educação Integral;
- Uma cantina com depósito de gêneros alimentícios;
- Um banheiro para deficientes físicos;
- Uma sala da secretaria;
- Uma mecanografia;
- Uma sala da direção;
- Uma sala com um pequeno depósito da coordenação pedagógica;
- Uma sala da supervisão;
- Uma sala do SOE;

- Uma sala de recursos desativada temporariamente;
- Uma sala dos funcionários da limpeza;
- Um pátio coberto;
- Banheiros para funcionários;
- Dois depósitos de materiais didático-pedagógicos.
- Um depósito de materiais de limpeza;
- Um espaço pequeno utilizado como sala de reforço;
- Uma sala de professores (vale ressaltar que é pequena para a demanda);
- Uma copa;
- Uma quadra de esportes descoberta;
- Um parquinho infantil desativado por falta de estrutura;
- Um estacionamento interno descoberto sem pavimentação;
- Um espaço destinado à Horta;
- Um espaço destinado ao Jardim;
- Um espaço vazio que pode ser destinado à construção do refeitório da Educação Integral.



ANEXO 2

*Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Secretaria Regional de Ensino de Ceilândia
Escola Classe 65 de Ceilândia*



HISTÓRICO/CONTEXTO DA INSTITUIÇÃO DE ENSINO:

A Escola Classe 65 de Ceilândia foi fundada em 04/01/2007, para atender crianças da Educação Infantil ao 5º ano da Educação Básica – Anos Iniciais.

Atualmente atende aproximadamente mil e quatrocentos alunos, em dois turnos diários: matutino e vespertino, sendo cinquenta turmas no total.

Este ano foi iniciado o atendimento com atividades da Educação Integral com os alunos do 3º ano (segue em anexo o plano de ação).

A comunidade local é carente, com poucos recursos financeiros, demonstrando falta de acesso à cultura, lazer, esportes e tecnologia. Muitas famílias são atendidas pelos Programas Sociais do Governo, como o Programa Bolsa Família/Renda Minha.

A maioria das famílias são desestruturadas. Há um índice de divórcio grande, tendo como consequência, o convívio de alunos com avós, madrastas, padrastos e terceiros. Existem também na região, casos de violência doméstica, uso de drogas, marginalidade, responsáveis que estão detidos, homicídios, furtos e roubos, inclusive até pedofilia, enfim, as crianças convivem diariamente com a vulnerabilidade social. Os pais trabalham fora e os alunos convivem com terceiros, ou ficam sozinhos em casa, geralmente cuidando de irmãos menores.

A falta de limites é perceptível. A maioria dos alunos não obedece às regras de convivência, envolvendo-se em conflitos interpessoais, xingamentos e até mesmo agressão física, verbal e psicológica. A falta de respeito e de valores são fatores que geram tais conflitos, conseqüentemente a indisciplina e a violência.

Além de todos esses problemas, as famílias são omissas quanto ao acompanhamento da Educação dos filhos, o que gera de certa forma uma acomodação por parte dos alunos, que apresentam indisciplina no ambiente escolar, falta de motivação, baixa estima, falta de interesse quanto às atividades propostas e dificuldades de aprendizagem. A responsabilidade de “Educar” foi imposta à escola pelas próprias famílias.

Outro problema que vale ser lembrado é a falta de higiene pessoal, que causam muitas doenças, e conseqüentemente as faltas. Vale ressaltar que há um índice elevado de reprovação por faltas e evasão escolar. Existem também problemas quanto à infraestrutura da região, pois, o asfalto não é adequado, as ruas são estreitas, com muitos buracos, não há instalação de rede de esgoto, e quando chove, a enxurrada invade a escola, gerando grandes transtornos para as atividades e locomoção de alunos, pais e funcionários. O estacionamento fica inundado, pois, como a escola encontra-se baixa com relação às casas, a lama escoou toda para este espaço.

ANEXO 3

Roteiro de Entrevista semi-estruturada com a coordenadora:

- Sua formação/ Graduação?
- Há quanto tempo é coordenadora na escola?
- Qual o papel da coordenadora pedagógica na escola?
- O que é aprendizagem para você?
- Qual é o papel da escola na vida da criança?
- Qual o papel do (a) professor(a) no processo de ensino/aprendizagem?
- O que é ser um bom professor?
- O que é ser um bom aluno?

ANEXO 4

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, Coordenadora do terceiro ano da escola Classe 65 de Ceilândia, autorizo a utilização de minhas respostas no Relatório Final da Pesquisa Científica sobre o Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e institucional da Universidade de Brasília. A pesquisa será realizada pela professora Suzana Maria dos Santos, aluna do referido curso, sob a orientação da professora Lúcia Helena Zabotto Pulino.

Declaro que fui informada dos objetivos gerais desta pesquisa e consinto que estas respostas sejam utilizadas para finalidade didática e científica, divulgadas em aulas, palestras, conferências, cursos, congressos, etc. e também publicadas em livros, artigos, portais de internet, revistas científicas e similares, podendo inclusive serem divulgadas, sem trazer minha identificação. Autorizo somente para uso acadêmico, as respostas concedidas para a pesquisa. Minha colaboração terá início quando eu entregar este presente termo devidamente assinado.

Declaro, ainda, que recebi cópia do presente Termo de Consentimento.

Ceilândia, ____ de maio de 2013.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do responsável

ANEXO 5

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Eu, _____, RG _____, responsável pelo aluno (a) _____ do 3º ano, turma K, /sala 04 da Escola Classe 65 de Ceilândia. Autorizo a utilização da imagem de meu filho no Relatório final da pesquisa científica do Curso de Especialização em Psicopedagogia Clínica e Institucional da Universidade de Brasília. A pesquisa será realizada pela professora Suzana Maria dos Santos, aluna do referido curso, sob a orientação da professora Lúcia Helena Zabotto Pulino. Declaro que fui informado dos objetivos gerais desta pesquisa e consinto que esta imagem seja utilizada para finalidade didática e científica, divulgadas em aulas, palestras, conferências, cursos, congressos, etc. e também publicadas em livros, artigos, portais de internet, revistas científicas e similares, podendo inclusive ser mostrado o rosto da criança, o que pode fazer com que ela seja reconhecida, sem trazer sua identificação. Autorizo somente para uso acadêmico, a foto obtida durante a participação da criança na pesquisa. Minha colaboração terá início quando eu entregar este presente termo devidamente assinado.

Declaro ainda que recebi cópia do presente termo de Consentimento.

Ceilândia, ____ de julho de 2013.

Assinatura da pesquisadora

Assinatura do responsável

ANEXO 6

Quadro de Horário

SEGUNDA-FEIRA	TERÇA-FEIRA	QUARTA-FEIRA	QUINTA-FEIRA	SEXTA-FEIRA
RODA DE CONVERSA	RODA DE CONVERSA	RODA DE CONVERSA	REAGRUPAMENTO	RODA DE CONVERSA
PORTUGUÊS	CIÊNCIAS NATURAIS	QUADRA		HISTÓRIA
INTERVALO	INTERVALO	INTERVALO		INTERVALO
“HORA DA HISTÓRIA”	“HORA DA HISTÓRIA”	“HORA DA HISTÓRIA”		MATEMÁTICA
MATEMÁTICA	PORTUGUÊS	GEOGRAFIA		ARTES
				
ANO E TURMA: 3º K / PROFESSORA: SUZANA				



ANEXO 7

*Governo do Distrito Federal
Secretaria de Estado de Educação
Diretoria Regional de Ensino de Ceilândia
Escola Classe 65 de Ceilândia*



DIAGNÓSTICO INICIAL DA TURMA

A turma, composta por dezesseis alunos, que em sua maioria estão na faixa etária correspondente ao ano que cursam é ativa, pouco cooperativa e alguns alunos devem receber atenção diferenciada. Quase a totalidade destes, cursou o mesmo ano escolar nesta escola. Na fase diagnóstica foi verificado fraco rendimento da maioria dos alunos, sendo que alguns apresentaram dificuldades na leitura e interpretação de textos simples. Produzem pequenos textos coerentes e coesivos, necessitando de um trabalho ortográfico e gramatical pontual.

Na resolução de situações-problema, obtiveram regular desempenho com exceção de poucos. O trabalho com material concreto será priorizado para viabilizar uma forma mais didática, a formação deste conhecimento. A socialização e interação entre as crianças ocorrem de forma pouco amistosa, sendo que projetos de valores e atitudes, leitura, reforço, reagrupamento intraclasse e extraclasse, serão desenvolvidos para que os alunos criem novas possibilidades de aprendizagem e de formação/reformulação de atitudes.

As famílias de alguns são bem participativas e trabalhos serão feitos para que seja ampliada gradativamente esta participação. Durante o semestre a articulação de trabalhos será o foco para que estes em conjunto, possam contribuir para uma aprendizagem significativa. A ligação entre professor /aluno/ família virá a contribuir para a otimização de um trabalho, onde a formação do conhecimento e de um cidadão crítico e colaborador seja uns dos principais objetivos deste ano.

